



O espetáculo do bioterrorismo na mídia impressa brasileira

Isaltina M. de A. Mello Gomes

Resumo: Este artigo discute o superdimensionamento dado pela mídia impressa brasileira, no final de 2001, ao tema bioterrorismo, transformando em espetáculo midiático o caso das cartas contaminadas pelo antraz (*Bacillus anthracis*), nos Estados Unidos. Para tanto, foram analisados dois diários pernambucanos (Jornal do Commercio e Diario de Pernambuco) e três revistas nacionais (Época, Isto É e Veja).

Palavras-chave: Mídia - Ciência - Espetacularização

Abstract: This article is regarding the grand media that was given from the brazilian printed media, in 2001, on the subject of bioterrorism. Two daily news (Jornal do Commercio and Diario de Pernambuco) and three national magazines (Época, IstoÉ e Veja) had been anaylzed and what was found was that such mediatic spectacle was made regarding the case of the letters contaminated by the anthrax (*Bacillus anthracis*) which occured in the United States.

Key-words: Media - Science Spectacle

Resumen: Este artículo discute el destaque dado por los medios impresos brasileños, en 2001, al bioterrorismo, transformando el caso de las cartas contaminadas por el ántrax (*Bacilo anthracis*), en los Estados Unidos, en espectáculo midiatico. Para eso, analizamos dos periódicos diarios (Jornal do Commercio y Diario de Pernambuco) y tres magazines nacionales (Época, IstoÉ e Veja).

Palabras clave: Media - Ciencia - Espectáculo

* **Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes** é Jornalista, Doutora em Lingüística e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

Ciência e cotidiano

Cada vez mais, notícias sobre ciência e tecnologia extrapolam as editorias ou revistas especializadas e passam a compor o noticiário geral. Tal fenômeno ocorre, principalmente, quando os fatos que estão determinando as pautas têm, direta ou indiretamente, alguma relação com riscos para a vida do homem, pois essa questão é, sem dúvida, um dos assuntos que mais atraem a atenção de leitores, ouvintes, telespectadores e internautas.

No contexto da sociedade da informação - que corre paralela à pós-modernidade-com a valorização da informação científica e tecnológica, a divulgação da ciência em escala de massa, através dos meios de comunicação, torna-se fenômeno cotidiano (OLIVEIRA, 1996, p.62)¹

No início da década de 90, Calvo Hernando (1990)² já dizia que a crescente sensibilidade diante dos problemas do meio ambiente, o temor ao vírus da Aids, aos riscos da manipulação genética e o receio de que os pesquisadores perdessem o controle de microorganismos que pudessem causar um desastre sanitário mundial haviam introduzido um novo fator de interesse ao jornalismo. Sanches (1998)³ ratifica a posição de Calvo Hernando ao afirmar que a sociedade atual está muito mais preocupada com as consequências do mau uso da ciência e da tecnologia do que em usufruir suas benesses e suas virtudes. “A degradação ambiental, a clonagem e a invasão da vida privada pelos computadores são apenas exemplos dos questionamentos mais comuns impostos pela sociedade [...]” (SANCHES,1998, p.7).

Nos dias atuais, o homem comum se depara, cotidianamente, com situações arriscadas, que poderiam ser evitadas se tivesse tido acesso a informações da esfera da ciência e tecnologia. Para Bizzo (1998),⁴ hoje, a falta de determinados conhecimentos pode trazer consequências muito mais graves do que tempos atrás. Esse autor exemplifica sua preocupação citando o trágico episódio do Césio 137, ocorrido em Goiânia, em setembro de 1987:

Um pequeno cilindro de 3,6 cm de diâmetro e 3 cm de altura foi retirado de um aparelho de radioterapia abandonado em um ferro-velho. O brilho azulado do pó de cloreto de césio encantou a todos. Ele foi distribuído como presente a amigos e familiares[...] O acidente causou quatro mortes no espaço de trinta dias[...] contaminação de cerca de 250 pessoas e de

¹OLIVEIRA, D. A ciência “reencantada”: mito e rito na televisão. GOMES, I. (org). *GT Comunicação e Ciência - XIX Congresso da Intercom, 1996*. (mimeo). p. 61-69.

²CALVO HERNANDO, M. El periodismo del III^{er} milenio. *Arbor*, 1990, n. 534/535, p. 59-71

³SANCHES, C. A. Onde Está o Método Científico?. *Mídia Fórum*, 1998, n.8, p.7.

⁴BIZZO, N. O Dever de Divulgar o Conhecimento. *Jornal da Ciéncia*, 1998, n. 396, p.12.

uma dezena de localidades. Todas essas pessoas foram vítimas da falta de informação e de conhecimentos científicos necessários para viver em um mundo que reúne avanços científicos e tecnológicos notáveis ao lado de graves deficiências na formação intelectual dos cidadãos. (BIZZO, 1998, p.11)

A meu ver, esse exemplo funciona como um argumento bastante forte para se afirmar que o homem contemporâneo não apenas quer, ele necessita obter explicações sobre tudo o que em algum momento possa influenciar sua vida, ou fazer parte dela, o que legitima a preocupação da mídia em destacar assuntos que, em princípio, estariam restritos a seções ou a veículos especializados, principalmente quando a notícia trata de questões relacionadas à saúde. Afinal, como indica Epstein (2000),⁵ em países periféricos como o Brasil, as enfermidades transmissíveis são responsáveis, proporcionalmente, por altos índices de morbidade e mortalidade, demandando um elevado custo social.

As informações adequadas ao paciente, até a sua própria alfabetização revelam-se não como atributos periféricos ao sistema [de saúde], mas como insumos indispensáveis, qualificando as terapias, os medicamentos e demais instrumentos da parafernália médica. Uma informação adequada, cognitiva e emocional reduz de uma maneira sensível os custos da prevenção e tratamento das enfermidades. (EPSTEIN, 2000, p.160)

De acordo com Meillier, Lund & Gerdes (apud BUENO et al, 1997, p.110):⁶

A divulgação em saúde cumpre uma função indireta na mudança dos hábitos de vida, mantendo o conhecimento já adquirido e provendo novas informações. Quando os assuntos de saúde são colocados em pauta, como resultado de uma discussão ou experiências pessoais, esse conhecimento ajuda a formar o modo de reação dos indivíduos às situações que têm de enfrentar ao longo da vida [...] Por causa do peso que tem o conhecimento experimental nas tomadas de decisão pessoais, é particularmente importante, para a prevenção, mostrar o conhecimento teórico sobre o que é saudável e o que não é relacionando-o a experiências individuais. Isto significa que a informação veiculada através dos meios de comunicação de massa não inicia o processo cognitivo, mas serve como uma fonte a mais no *input* de base afetiva.

⁵EPSTEIN, I. Dossiê Comunicação e Saúde. Introdução. *Comunicação e Sociedade*, 2000, n.35, p.135-138.

⁶BUENO, W. et al. Divulgação da saúde na imprensa brasileira: expectativas e ações concretas. GOMES, I. (org). *Coletânea GT Comunicação e Ciência - XX Congresso da Intercom, 1997.* (mimeo). p. 108-118.

É legítima, pois, a preocupação com a prevenção da saúde. Mas, o que dizer do estardalhaço da mídia nacional diante do bioterrorismo com o antraz (*Bacillus anthracis*)? Os dias que sucederam ao recebimento, nos Estados Unidos, da primeira carta contaminada pelo bacilo ganharam, na mídia nacional, espaço infinitamente superior ao concedido a qualquer enfermidade localizada no Brasil, seja nos telejornais, nos diários impressos ou nas revistas semanais de informação geral.

É certo que, apesar do destaque e do espaço, alguns veículos tiveram o bom senso de alertar o público sobre a remota possibilidade de a bactéria ser enviada ao Brasil. No entanto, foram tantas as manchetes, as chamadas de primeira página e as reportagens de capa que o medo do antraz se instalou na população e as suspeitas de pó branco e de cartas contaminadas aumentaram – ainda que discretamente – a venda do ciprofloxacin, medicamento indicado para o tratamento da infecção causada pelo bacilo, além de sobrecarregar pesquisadores de laboratórios de referência, como o da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro. O medo também desencadeou uma série de alarmes falsos. Alguns deles geraram situações risíveis, como no caso do pó branco encontrado em uma aeronave da Lufthansa, vindo de Frankfurt, que pousou no Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Rio de Janeiro. Depois de uma panacéia de medidas em prol da segurança – atendimento médico, medicamentos e isolamento de funcionários da empresa de limpeza que encontraram a substância no avião – descobriu-se que no local onde o pó branco fora encontrado havia viajado um casal com dois filhos e que o pó era apenas leite em pó.

Neste artigo, tento traçar um panorama do comportamento da mídia nacional na divulgação de informações sobre o terrorismo biológico direcionado aos Estados Unidos, deflagrado em outubro de 2001. O objetivo é apontar marcas de espetacularização dessas notícias, a partir de um suporte teórico que tem como base a Análise do Discurso e a Análise da Narrativa.

Descrição do *corpus*

Para ter uma noção da dimensão dada pela mídia ao caso antraz, analisei um recorte que inclui 21 edições de dois jornais pernambucanos – *Diário de Pernambuco* (DP) e *Jornal do Commercio* (JC) – e duas edições de três revistas de circulação nacional – *Época*, *Isto É* e *Veja*. As edições do JC e DP foram publicadas entre 5 e 25 de outubro de 2001. No caso das revistas semanais,

só foram analisadas as edições de 17 e 24 de outubro de 2001, de *Véja* e *IstoÉ*, e dos dias 15 e 22 de outubro, de *Época*, uma vez que, até então, nenhuma delas havia publicado nada relacionado ao antraz.

O simples levantamento do número de textos sobre o tema publicado no DP e no JC já apontam para o superdimensionamento da mídia ao caso antraz. Como pode ser observado na tabela 1, em 20 dias foram publicados 52 textos no DP e 57 no JC, correspondendo a 20876 e 14912 palavras, respectivamente. Nos dois jornais analisados, a maioria dos textos foi produzida a partir de informações de agências de notícias, embora também haja matérias da reportagem local.

TABELA 1 CASO ANTRAZ EM JORNAIS DE PERNAMBUCO

	PERÍODO	Nº TEXTOS	Nº PALAVRAS
Diário de Pernambuco	05 a 25/10	52	20876
Jornal do Commercio	05 a 25/10	57	14912
Total		109	35788

É importante não perder de vista que, no período analisado, os dois jornais publicaram, 35 textos relacionados à área de saúde de interesse local ou nacional. Foram vinte e três no DP, que totalizaram 12296 palavras, e treze no JC, que perfizeram um total de 3955 palavras. É válido destacar que, nesse período, ocorreram, no Recife, dois casos de intoxicação alimentar, um dos quais atingiu centenas de pessoas, a maioria crianças, que participaram de um almoço em homenagem ao Dia das Crianças, promovido pelo Movimento Pró-Criança. Dos 35 textos mencionados, 14 (nove no DP e cinco no JC) tinham relação com as intoxicações. Conclui-se, então, que não fossem os casos de intoxicação, as notícias de saúde de interesse da ‘periferia’ estariam reduzidas a 22. Nos gráficos apresentados, um retrato desse descompasso.

Como se vê, é algo desproporcional a diferença entre a massa de informações de interesses local e global, o que só vem a confirmar o quanto nossa imprensa é subalterna à pauta ditada pelas agências internacionais de notícias. Ademais, essa diferença, de certa forma, também reforça a tendência da mídia a dar preferência a fatos espetaculares. Nesse caso, as personagens principais do espetáculo são as *bactérias assassinas*.

Gráfico 1

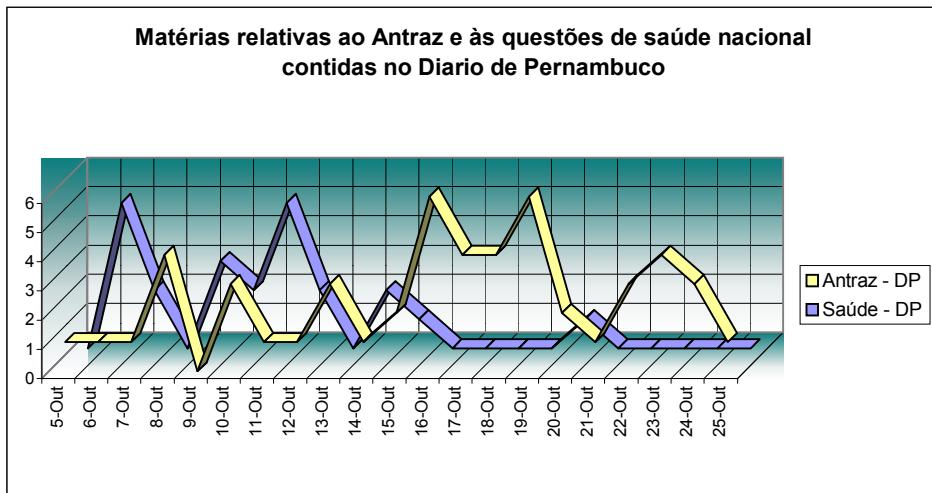
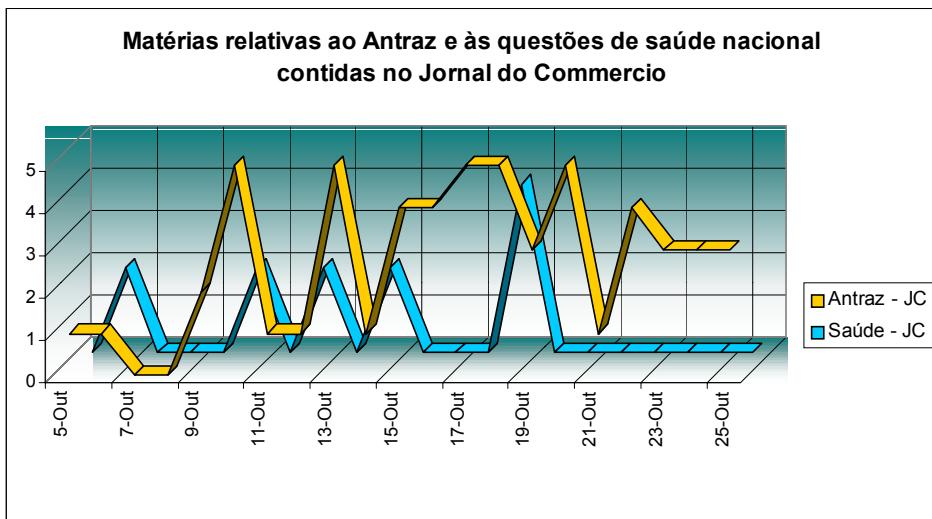


Gráfico 2



Embora as informações sobre o primeiro caso de antraz nos Estados Unidos tenham sido divulgadas no dia cinco de outubro, a primeira das revistas semanais analisadas a publicar informações sobre o tema foi *Época*, na edição de 15/10/01. As duas outras, *Isto É* e *Veja*, só vieram a falar no assunto nas edições de 17/10/01. Isso se explica pelo fato de haver um intervalo de alguns dias entre o fechamento das edições e a distribuição para

os assinantes e venda nas bancas. Ou seja, a data que figura na capa não corresponde à do fechamento da edição. Nas primeiras edições analisadas, observa-se que o caso antraz tem dois boxes em *Época*, uma re-portagem em *Veja* e uma reportagem com direito a box em *Isto É*. Na semana seguinte, *Época* (edição de 22/10/01) destina uma reportagem e um box ao assunto e em *Veja e Isto É* (edições de 24/10/01), o antraz ganha o *status* de tema de capa, sendo enfocado em duas reportagens e três boxes, na primeira, e em três reportagens e cinco boxes, na segunda.

Tabela 2 CASO ANTRAZ EM REVISTAS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL

	EDIÇÃO	FORMATO	Nº TEXTOS	Nº PALAVRAS
Época	178, de 15/10/01	Box	2	450
	179, de 22/10/01	Reportagem Box	11	1796
Isto É	1672, de 17/10/01	Reportagem Box	12	1180
	1673, de 24/10/01	Tema de capa Rep. Box	35	6975
Veja	1722, de 17/10/01	Reportagem	1	1771
	1723, de 24/10/01	Tema de capa Rep. Box	23	3114

O discurso da espetacularização

A diferença de construções dos textos tem sempre uma razão que não é a simples diferença de informação, mas, de efeitos de sentidos (ORLANDI, 1987).⁷ Esta análise se orienta justamente pela busca de efeitos de sentido nas matérias sobre o caso antraz publicados na mídia. Para tanto, é necessário estabelecer uma relação entre o que foi dito e as condições de produção desse ‘dito’, pois, como afirma Orlandi (1999, p.59), “a Análise do Discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica”. Seguindo essa perspectiva, a concepção de discurso tomada neste artigo é de um objeto histórico cuja materialidade específica é lingüística.

É curioso observar que a distância temporal, ao invés de ter enfraquecido, fortaleceu a visibilidade do tema. Nos primeiros dez dias do período analisado, o DP publicou 16 textos e o JC, 17, contra, respectivamente, 36 e 41 nos dez dias seguintes. Nas revistas, o fenômeno se repetiu. A diferença entre o espaço dedicado ao tema é bastante significativa, como pode ser observado na tabela 2.

O *corpus* analisado neste trabalho revela um discurso de espetacularização, construído em forma de uma grande narrativa.

⁷ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

⁸VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo:: Martins Fontes, 1985.

Tomando a estrutura de narrativa proposta por Vanoye (1985)⁸ – um modelo textual que apresenta a *ordem existente*, a *ordem perturbada* e a *ordem restabelecida*, sofrendo interferência de três tipos de personagens: a *vítima* (objeto da perturbação), o *vilão* (sujeito da perturbação) e o *herói* (sujeito do restabelecimento da ordem) –, é possível identificar no *corpus* elementos que dizem respeito às categorias *ordem existente* e *ordem perturbada*, como pode ser observado nos trechos a seguir:

A primeira guerra do século 21 vive um novo capítulo de terror. Depois dos ataques terroristas aos Estados Unidos e da resposta norte-americana no Afeganistão, o mundo se depara agora com a ameaça de uma guerra bacteriológica. Casos isolados de possíveis ataques com substâncias químicas começam a acontecer e espalham pânico, sobretudo entre a população norte-americana e inglesa. (JC, 10/10/2001)

O temor de uma guerra biológica está aumentando nos Estados Unidos. A morte do fotógrafo Bob Stevens, 63 anos, na sexta-feira 5, por causa da bactéria do antraz, e a confirmação na semana passada de que um homem, Ernesto Blanco, 73 anos, e uma mulher de 35 anos estão infectados pelo microorganismo provocaram uma onda de pânico entre os americanos. Stevens, Blanco e a mulher (cujo nome não foi revelado) trabalhavam na editora American Media, de Boca Raton (Flórida). (ISTOÉ, 17/10/2001)

Os Estados Unidos reviveram na semana passada a sensação de fragilidade do 11 de setembro. Não houve os quase 6 mil mortos do World Trade Center e do Pentágono e tampouco o tétrico mergulho dos Boeings contra as torres gêmeas. Mas o 17 de outubro de 2001 será lembrado como a data em que um tipo invisível de terrorismo imobilizou o Capitólio, sede do Poder Legislativo em Washington, símbolo da democracia no país. Na manhã da quarta-feira, soube-se que a letal bactéria antraz contaminara as cercanias do gabinete do senador Tom Daschle, líder da maioria democrata no Senado. (ÉPOCA, 22/10/2001)

A *ordem existente* foi *perturbada*, num primeiro capítulo, com a destruição das torres gêmeas do World Trade Center e de parte do Pentágono, no dia 11 de setembro de 2001. O segundo capítulo da ‘perturbação da ordem’ começa com as confirmações dos primeiros casos de contaminação pelo *Bacillus anthracis*, ocorridas nos primeiros dias de outubro de 2001. Como essa grande narrativa ainda está em construção, não se consegue identificar elementos relacionados à categoria *ordem restabelecida*.

Importa destacar que *vítima*, *vilão* e *herói* são incorporados, cada um, por várias personagens. A vítima são os Estados Unidos, representados por prédios que sediam o poder norte-americano, por políticos, pelas pessoas contaminadas, pela imprensa, pela população etc. Há também referência aos países denominados como aliados.

O temor de um ataque terrorista com armas químicas e biológicas contra os Estados Unidos e seus aliados voltou a crescer com o bombardeio do Afeganistão. (DP, 08 out. 2001)

A primeira guerra do século 21 vive um novo capítulo de terror. Depois dos ataques terroristas aos **Estados Unidos** e da resposta norte-americana no Afeganistão, o mundo se depara agora com a ameaça de uma guerra bacteriológica. Casos isolados de possíveis ataques com substâncias químicas começam a acontecer e espalham pânico, sobretudo entre a **população norte-americana e inglesa**. (JC, 10 out. 2001)

Uma funcionária da rede de TV NBC News foi contaminada pela bactéria causadora do antraz, sob a forma cutânea. O caso foi confirmado através de exames, feitos depois que a **NBC** recebeu correspondência com um pó suspeito, afirmaram as autoridades ontem. (JC, 13 out. 2001)

Mas, além de Israel e Estados Unidos, ameaças de antraz já foram registradas em outros países. **França, Austrália, Suíça, Bélgica, Argentina, Alemanha, México, Canadá, Paraguai e Brasil.** (DP, 16 out. 2001)

A Câmara de Representantes dos Estados Unidos fechou as portas ontem à tarde, por medida de precaução, diante da possibilidade de o pó contendo um tipo especialmente potente da bactéria de Antraz, enviado por carta ao líder da maioria no Senado, **Tom Daschle**, ter se espalhado pelos dutos de ventilação e túneis que unem os vários prédios do legislativo americano. O prédio do Senado onde está o gabinete de Daschle já havia sido parcialmente fechado um dia antes. (DP, 18 out. 2001)

Os 3 casos, ou doença do carbúnculo, nesta cidade - que ainda está tentando se recuperar do trauma deixado pelos atentados - **estão vinculados a 3 grandes redes de TV situadas no centro de Manhattan: NBC, ABC e agora, a CBS.** (DP, 19 out. 2001)

Por causa das ocorrências na Flórida, o medo de um ataque terrorista com anthrax passou a assombrar ainda mais a **população americana**. (VEJA, 17 out. 2001)

O governador de Nova Iorque, George Pataki, disse ontem que os testes realizados confirmaram a “provável” presença de esporos do Antraz em seu escritório de Manhattan, que foi evacuado. Em entrevista à Imprensa, o governador precisou que foi aberta uma investigação para determinar a origem do bacilo, depois de testes efetuados na dependência reservada aos guardas e aos serviços de segurança.(DP, 18 out. 2001)

O ataque biológico ao **Capitólio**, cenário em que as liberdades foram conquistadas, lançou novo desafio à democracia americana, numa situação que já lembra os anos duros do macarthismo da década de 50. Há uma diferença, porém. Constituído no ambiente da Guerra Fria, o macarthismo se alimentava de um mito em parte verdadeiro, em parte fictício – o perigo vermelho, que apenas em fantasias extremistas representava um risco real à **soberania dos EUA**.(ÉPOCA, 22/10/2001)

Ao todo, contaminaram com o *Bacillus anthracis* comprovadamente **cerca de 40 pessoas**, com o número subindo a cada momento. (ISTOÉ, 24 out. 2001)

Dias depois, a mesma história se repetiria nas redações das redes de televisão ABC, onde um **bebê, filho de uma funcionária**, foi contaminado, e na CBS, em que uma **produtora do telegjornal** se contaminou na quarta-feira 18. (ISTOÉ, 24 out. 2001)

Na grande narrativa do caso antraz, o herói são agentes do FBI ‘vestidos como astronautas’, funcionários de correios e aeroportos, a Polícia Federal brasileira, profissionais da área de

saúde, laboratórios de referência que identificam a presença do bacilo nas substâncias suspeitas, bombeiros e até um comprimido que contém a ciprofloxacina – o cipro – fabricado pela Bayer. Na edição da revista *Veja* de 24/10/01, o cipro ganhou, inclusive, um box com título bastante sugestivo: *O Míssil de Defesa da Guerra Biológica*.

O prédio da empresa foi interditado e o caso está sendo minuciosamente investigado pelo **FBI**. (ISTOÉ, 17 out. 2001)

O **FBI**, a polícia federal americana, lacrou o prédio por trinta dias. Durante esse período, **agentes protegidos com roupas e máscaras especiais** verificarão se há outros ambientes infectados. (VEJA, 17 out. 2001)

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) distribuiu ontem um kit antiterrorismo para os **funcionários dos aeroportos** de Congonhas e Guarulhos, em São Paulo. [...] O kit é composto por óculos, máscara e luvas. Ao mesmo tempo, a Anvisa também distribuiu instruções de segurança a serem seguidas por quem encontrar materiais suspeitos, como pó branco, que podem conter a presença de antraz. Os **funcionários dos aeroportos** que encontrarem materiais suspeitos devem vestir o kit, recolher a amostra em saco plástico grande, lacrar e sem tocar na embalagem entregar o produto à **Polícia Federal**. (JC, 18 out. 2001)

Em Nova Iorque, aumentou o pânico depois que uma assistente do apresentador Dan Rather, da rede de televisão CBS News, contraiu a forma cutânea do Antraz. O prefeito Rudolph Giuliani faz um apelo à calma, enquanto que os **profissionais da área de saúde** queixam-se dos inúmeros telefonemas de pessoas que temem ter contraído a bactéria e pedem para fazer exames. (DP, 19 out. 2001)

A polícia federal americana foi chamada a investigar, nos últimos 18 dias, 3.300 ameaças de ataques químicos e biológicos, das quais 2.500 envolviam suspeitas de antraz. Quase todas eram rebates falsos. Esse tipo de queixa originava, em tempos normais, apenas 250 investigações por ano. O **FBI** está acuado. Em parceria com o **serviço postal americano**, decidiu oferecer recompensa de US\$ 1 milhão por informações que levem aos autores dos atos bioterroristas. (ÉPOCA, 22 out. 2001)

Na terça-feira da semana passada, o escritório do jornal americano *The New York Times* no Rio de Janeiro recebeu uma correspondência postada nos Estados Unidos em 5 de outubro. O envelope, sem remetente, foi levado para análise na **Fiocruz**. Exames preliminares indicaram a presença de um tipo de bactéria – um segundo teste apontará se é ou não antraz. (ÉPOCA, 22 out. 2001)

O medo de “pó suspeito” levou ontem os **bombeiros** a esvaziarem a embaixada dos EUA na Malásia, provocou a suspensão do serviço de distribuição do correio na Finlândia e na Dinamarca e levou as autoridades a retirarem todos os alunos de uma escola secundária e de um edifício do governo no Japão. (DP, 23 out. 2001)

Ao optar pela arma biológica, os terroristas que agem contra os **Estados Unidos** também miraram na direção de consequências econômicas. (VEJA, 24 out. 2001)

Um comprimido fabricado há catorze anos pela Bayer, o Cipro, é a única droga capaz de combater a infecção por antrax na forma pulmonar. A letalidade nesses casos é de 90%, sem o medicamento. O Cipro interfere no metabolismo e na reprodução das bactérias de

anthrax, penetrando diretamente na estrutura molecular de sua célula. Ele bloqueia a ação de uma enzima chamada girase e impede que o DNA do microrganismo se multiplique. Assim como no processo de cicatrização em mamíferos, as bactérias atingidas tentam se recompor ao ser atacadas. O medicamento inibe também essa possibilidade. Com isso, o anthrax tem sua vida encurtada e é impedido de se reproduzir. (VEJA, 24 out. 2001)

A análise deste material só voltou no dia 12 de outubro, mas comprovou contaminação pelo antraz. Só então o **FBI** correu para fechar parte da emissora e mandar **um batalhão de homens vestidos como astronautas de filme classe B** para vasculhar o local. (ISTOÉ, 24 out. 2001)

Se vítima e herói são multirepresentados, o vilão é, em princípio, ‘um sujeito oculto’ ou não identificado, como sugere a matéria *Insegurança Geral*, publicada na revista *Isto É*, de 24/10/2001.

As manchetes anunciam um bombardeio, via correio, de armas biológicas. Restava saber quem comandava esta esquadrilha de cartas.

Oportunidade - Este sujeito oculto não era apenas a Al-Qaeda do terrorista Osama Bin Laden. A belicosa extrema direita americana também está na mira do FBI como suspeita de remeter cartas contaminadas ou não. “Mesmo que Osama não seja o único a empregar os correios neste ataque, ele certamente aproveitaria esta oportunidade”, disse a ISTOÉ Jessica Stern, especialista em terrorismo da Universidade de Harvard. “Pouco importa se a Al-Qaeda tem ou não o antraz. Os terroristas aprenderam neste momento que a simples suspeita de contaminação já é suficiente para provocar o terror”, disse. (ISTOÉ 24 out. 2001)

No entanto, na maior parte dos depoimentos inseridos nos textos, embora as autoridades norte-americanas digam não saber a autoria, levantam suspeitas na direção de Osama Bin Laden e da Al-Qaeda, pois ao mencionarem expressões como ‘terrorismo’ ou ‘terrorista’ estão fazendo uma relação direta com os atentados às torres gêmeas e ao Pentágono.

Ontem, pela primeira vez, o Governo dos Estados Unidos admitiu oficialmente que os casos até agora **podem ter sido resultado de ação terrorista**. “O envio de bactéria de antraz por correio é um **ato de terrorismo**”, afirmou Tommy Thompson, secretário de saúde norte-americano. “Só não se tem idéia ainda da autoria. Trata-se de Al Qaeda? Não sabemos, mas certamente é um **ato de terrorismo** enviar esta bactéria por correio”, afirmou, referindo-se à rede terrorista de Osama bin Laden, apontada como responsável pelos atentados do dia 11 de setembro nos EUA. (JC, 15 out. 2001)

De acordo com declarações dadas ontem, os Estados Unidos trabalham com a hipótese da participação de Bin Laden nos casos de contaminação por antraz. **“Certamente não podemos descartá-lo”**, afirmou o ministro da Justiça, John Ashcroft. (JC, 15 out. 2001)

O secretário da Saúde dos Estados Unidos Tommy Thompson, afirmou, ontem, que enviar cartas pelo correio contaminadas com bacilo de antraz constitui **“um ato de terrorismo”**. Mas seu colega da Justiça, John Ashcroft, disse que o FBI não tem nenhuma prova concreta que vincule Osama bin Laden ou sua organização, a Al-Qaeda, aos oito casos da doença detectados até agora e seis outros casos potenciais registrados em Nova Iorque, Nova Jersey e Nevada. **“É prematuro, no momento, dizer se há uma ligação direta, mas estamos considerando essa possibilidade”**, informou Ashcroft. (DP, 15 out. 2001)

Se os depoimentos das autoridades colocam “os terroristas” (Bin Laden e a Al-Qaeda) na condição de suspeito número um, a mídia prefere personificar o *Bacillus anthracis* (bactéria, pó branco, pó suspeito, antraz, terror biológico) e tratá-lo como vilão em títulos como estes: *Antraz faz mais uma vítima; Pó branco encontrado em avião irrita pele de encarregada de limpeza; Antraz, uma velha ameaça; Terror biológico faz 8 vítimas; Pó suspeito no Brasil; Bactéria já ameaça mais de 12 países; Pó suspeito coloca Paris em alerta; Bactéria fecha Congresso dos Estados Unidos; Bactéria letal chega ao Quênia; Bactéria letal alcança a Argentina.* A personificação também chega ao corpo dos textos:

A maior expressão do medo atende hoje pelo nome de antraz, uma bactéria de difícil diagnóstico que pode ser usada como uma arma mortal em novos atentados. (JC, 10 out. 2001)

O terror biológico chegou. Passou pelas redações de jornais, alcançou o Congresso dos Estados Unidos, foi diagnosticado na África e havia sólida suspeita de que tivesse mostrado sua face também na Argentina. (VEJA, 24 out. 2001)

Ao personificar o *Bacillus anthracis*, conferindo-lhe poderes para deixar cidades e países em alerta, andar pelas redações de jornais ou fechar o congresso norte-americano, a mídia retoma o discurso das ficções científicas, dando um tom de espetacularização às notícias. O cenário desse grande espetáculo globalizado é constituído pelo medo, sedimentado em textos como os apresentados a seguir:

Imagine um arma que pesando apenas cem quilos possa matar de 130 mil a três milhões de pessoas numa cidade como Washington. Uma arma silenciosa tão letal quanto a bomba de hidrogênio. Um arma insidiosa, cujos efeitos só começariam a ser sentidos pelo menos dois dias depois do ataque. Essa arma é a bactéria antrax e não se trata de ficção alarmista. (DP, 08 out. 2001)

O perigo pode rondar shopping centers, escolas, aeroportos - tanto faz. Pode escorrer pelas torneiras e entrar em milhões de lares. Pode vir num tubo de spray. É invisível, silencioso, sorrateiro. O medo de um ataque químico ou biológico cresce nos EUA desde a morte do jornalista Robert Stevens, de 63 anos, no dia 5. Editor de fotografia da American Media, empresa que publica tablóides em Boca Raton, na Flórida, Stevens foi vítima da bactéria *Bacillus anthracis*, cuja síndrome é conhecida por antraz. Trata-se de um microrganismo agressivo, que pode ser combatido com antibióticos e vacina. (ÉPOCA, 15 out. 2001)

Jason Papparis, dono de uma tapeçaria em Manhattan, abriu o envelope que acabara de receber e foi surpreendido com uma baforada de poeira. Poucas horas depois, uma batalha alucinante deflagrou-se em seu corpo. Calafrios, febre alta, dor no peito, uma cruciante dor de cabeça. Papparis morreu em 24 horas, com sangramentos no pulmão e no cérebro. Ele serviu de cobaia para que o técnico russo em armas biológicas Yuri Davidov testasse o poder mortal do pó da bactéria do antraz, fabricado num laboratório montado em sua casa. Com um grupo de

neonazistas, o próximo passo de Davidov será disseminar as bactérias que mataram Papparis no sistema de ventilação de um prédio federal e espalhá-las sob a forma de aerossol por todo o Central Park. Uma vingança contra a “impostura do sonho americano impingida ao mundo”.

A trama horripilante é do romance científico e premonitório Vetor, lançado em 1999 pelo médico e escritor Robin Cook. Numa nota ao final do livro ele adverte: a questão não é se um ataque bioterrorista pode ou não ocorrer, mas quando. Material não falta. Existem cerca de 46 bancos no mundo que comercializam ou fornecem germes letais para pesquisas acadêmicas, mas também para programas secretos de bioarmas desenvolvidos por vários países. A maioria testa o bacilo do antraz, extremamente resistente e fácil de ser transportada. (ISTOÉ, 24 out. 2001)

O esporo é a célula de reprodução do anthrax. Na forma mais letal da doença, os esporos alojam-se no pulmão da vítima. Nas mucosas do órgão, eles encontram as condições ideais de umidade, calor e nutrientes para germinar, como uma semente. A bactéria sintetiza uma proteína que lhe permite desenvolver-se como um parasita. Multiplica-se rapidamente, espalha toxinas e vai necrosando tecidos durante o processo. **Uma vez iniciado o crescimento, o prazo para a ingestão de antibióticos que podem combater o mal é de apenas algumas horas.** Não adianta ter tomado o remédio anteriormente nem há certeza de que quem foi vacinado resista a um ataque pulmonar da bactéria. Administrado tarde demais, o antibiótico pode erradicar as bactérias, mas as toxinas acumuladas no corpo já são suficientes para levar à morte. **A pessoa infectada apresenta, primeiro, sintomas parecidos com os da gripe: febre, tosse, coriza e mal-estar.** Dentro do corpo, a doença avança como se houvesse ácido dissolvendo as membranas dos pulmões. Antes de morrer, o doente chega a expelir pedaços dos órgãos internos. Morrem praticamente todos os que chegam a desenvolver essa modalidade de infecção. (VEJA, 24 out. 2001)

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que um ataque com 5 toneladas de esporos atirados de avião sobre uma cidade pode ter o efeito de três bombas atômicas, sem destruir um único prédio. Variedades de anthrax geneticamente selecionado também podem se tornar mais mortais. Há cepas da bactéria que se revelam bem mais agressivas. Alguns pesquisadores relacionam ao anthrax a quinta e a sexta pragas do Egito, descritas na Bíblia. Teoricamente, quem teve contato com algum pó no qual haja esporos de anthrax só precisa tomar um banho imediato, com água e sabão, para se livrar do risco de contrair a forma cutânea da doença. A questão é que a maior parte dos contaminados só vai saber que precisava desse banho quando já é tarde demais. (VEJA, 24 out. 2001)

Uma arma que tem o poder de bombas atômicas, capaz de matar milhões de pessoas sem derrubar um único prédio. O perigo que ronda shopping-centers, escolas e aeroportos, escorre pelas torneiras e contamina famílias felizes. Uma bactéria que leva o doente contaminado por ela a expelir pedaços de seus órgãos internos. Cenas como essas, sugeridas pelos fragmentos de textos mostrados acima, são tão pavorosos quanto os mais horripilantes filmes de terror.

Vê-se, então, que, embora, no período analisado, a mídia tenha se preocupado em informar que, no Brasil, as suspeitas

relacionadas ao antraz não passaram de *alarmes falsos, trote, confusão, fantasma ou paranóia* e de trazer depoimentos de autoridades em áreas de saúde, segurança e política, atestando a remota possibilidade de o bacilo chegar ao Brasil, discursivamente, a grande narrativa midiática constrói um espetáculo de terror, reforçado por imagens de agentes mascarados e vestidos com roupas especiais.

Considerações finais

Quero deixar claro que, neste artigo, não tive o propósito de criticar a preocupação da imprensa com o bio-terrorismo ou o fato de se divulgarem informações relacionadas ao caso antraz. Isso seria um contra-senso, principalmente num mundo globalizado. Afinal, como afirma Giddens (2001),⁹ em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, a definição mais simples de globalização é *interdependência crescente*.

⁹GIDDENS, A. O fim da globalização? *Folha de S. Paulo*. 28/10/2001.



Foto: *IstoÉ*, 24 out. 2001

Acontecimentos que têm lugar longe de nós afetam nossas vidas mais do que nunca. As origens de nossa crescente interdependência são bem profundas. Elas incluem, é claro, a crescente integração da economia mundial, preocupação mais comum dos manifestantes, mas muito mais do que isso também[...] A interdependência global chegou para ficar [...] os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono a confirmam. Não foram uma agressão de um país a outro, o que seria uma guerra sob forma tradicional. As vítimas foram não apenas americanos, mas pessoas de muitos países de todo o mundo. (GIDDENS, 2001)

No entanto, questiono o superdimensionamento desse assunto em detrimento de mazelas que fazem parte do nosso cotidiano, como os sérios problemas de saúde. Se problemas como a fome e algumas enfermidades endêmicas que continuam matando milhares de pessoas e a crônica crise do ensino público brasileiro, em geral, não são assuntos prioritários para a mídia nacional, a relevância torna-se menor ainda no momento em que agências de notícia internacionais direcionaram o foco para fatos que estão na pauta internacional, como os ataques terroristas aos Estados Unidos e o terrorismo biológico. A meu ver, os veículos de comunicação de massa poderiam dar uma maior atenção a questões que, embora sejam periféricas, são prioritárias para a nossa sociedade.